

DOIS MODELOS DE MISSÃO

O *Nican Mopohua* e o *Colóquio dos Doze*

Carlos Mongardi e Gerardo Custodio Lopez
 mongherd38@yahoo.com.mx – gerclsx@yahoo.com.mx

RESUMO: *Muito se tem dito que somos fruto de nosso tempo. Irradiamos em nós o que está no cume da cultura, da religião e de outros aspectos. Este trabalho apresenta duas formas diversas de ver uma atividade comum: a evangelização. Por um lado, a Igreja no século XVI reflete um estilo de ensinamento da religião, com base na “pureza” da linguagem, das palavras e termos que, segundo a mentalidade do tempo, seriam entendidos por todo mundo da mesma maneira. A doutrina e seu ensinamento tentavam comunicar verdades iguais para todos e pensavam, de fato, que todos deviam entendê-las por igual. A Igreja teve este método por anos e foi aplicado por séculos pelos evangelizadores. Por outro lado, os evangelhos refletem não uma doutrina, mas uma vivência, uma forma de expressar a fé em Deus, como o é a mensagem guadalupana. A Senhora do Céu não traz conceitos, mas vida, compaixão e amor para quem, na vida cotidiana, não está tanto para raciocínios, mas para restabelecer o sentido da vida. Os sábios astecas conseguiram ver em Guadalupe a resposta que esperavam, depois que o universo religioso deles tinha sido derrubado. A Senhora do Céu deixa um ensinamento, que vai além da doutrina do catecismo. Duas formas distintas, mas com o mesmo objetivo: que ao conhecermos Jesus, sejamos discípulos capazes de levar o evangelho ao mundo inteiro. Os dois métodos são evidenciados nas páginas a seguir*

ABSTRACT: *Much has been said about we all being the product of our time. We reflect in ourselves what is trendy in culture, religion and the like. This study presents us with two different forms of looking at a common activity: evangelization. On one hand, the church on the XVI century reflects a teaching style of religion based on the “purity” of its language, its words and terms that, according to the mentality of the time, everybody would understand the same way. Church doctrine and teachings attempted to communicate the same truths for everyone, and believed everyone would understand them the same way. The church used this method for years and it was duplicated by its evangelizers. On the other hand, the Gospels, as well as the message from Guadalupe, reflect an experience, not a doctrine, in the way they express their faith in God. The Lady of the Heavens does not bring concepts but life, compassion and love for those who in their daily lives pursue a reason to live*

and not fruitless reasoning. The Aztecs in their wisdom were able to see in Guadalupe the answer they were waiting for after their religious universe had collapsed. The Lady of the Heavens leaves us a discourse that goes beyond the teachings of the catechism. Two different forms, but with the same objective: that by knowing Jesus we become his disciples and bring the Gospel to the whole world. These two methodologies are evidenced in the following pages

INTRODUÇÃO

A novidade e a atualidade da evangelização do modelo guadalupano são encontradas nos emissores e nos destinatários, assim como na mensagem inculturada que traz frutos evidentes para o povo. Essa realidade é vista na comparação de dois documentos: o *Nican Mopohua*, de Antônio Valeriano, do ano de 1548, onde se relata o encontro entre um homem indígena, que representa um povo, e uma cultura dominada, mas, ao mesmo tempo, apreciada pela Mãe celeste, compassiva. Entretanto, nos *Colóquios dos doze Apóstolos* e os *tlataminime* astecas, obra de Frei Bernardino de Sahagún, do ano de 1564, é relatado o encontro ordenado por Hernán Cortez no ano de 1524, onde, na realidade, é evidenciado um processo de evangelização doutrinal com base no catecismo.

A particularidade do Colóquio é associar intimamente os diálogos propriamente ditos com a exposição da doutrina cristã. O livro II, que contém o catecismo, se apresenta como a continuação das conversas do livro I. Pode-se identificar com segurança neste artifício a apresentação da habilidade de Sahagún. No espírito do monge, o texto dos colóquios deve servir à pastoral, deve poder ser usada para a conversão dos índios, dentre os quais na segunda metade do século XVI existem ainda muitos que vivem na infidelidade.¹

O texto reflete um método de evangelização totalmente centralizado, hierárquico e mais nitidamente “da doutrina cristã com que os doze frades de São Francisco, enviados pelo papa Adriano VI e pelo imperador Carlos V converteram os índios da Nova Espanha”.²

¹ DUVERGER, Christian. *La conversión de los indios de Nueva España*. México: FCE, 1993, p. 52.

² Ibid. p. 53.

Com este planejamento, estamos longe da evangelização proposta no *Nican Mopohua*, que começa desde a periferia, desde a tremenda história dolorosa da conquista, desde o índio que se move no seu ambiente e na sua cultura, enfim, quem deve converter-se é o próprio bispo.

MISSÃO COLONIZADORA E MISSÃO INCULTURADA

Parece que, nos Colóquios, os indígenas são o pretexto de uma evangelização integrada dentro do processo de colonização espanhola, diversamente à mensagem guadalupana cheia de dignidade e libertação, como nosso estudo tenta demonstrar.

O colóquio foi planejado e ordenado por Hernán Cortés em 1524, ano da chegada dos doze franciscanos à Nova Espanha, o que por sua vez representa o planejamento oficial da evangelização da Igreja. Isso nos mostra por onde e como se pretendia levar adiante as conversões. Os doze frades se referem à sua tarefa, expondo a mentalidade própria da época:

Eles têm poder concedido por Deus para encaminhar as almas ao céu a gozar da glória eterna, se não os seguem, se perderão e irão ao inferno a padecer tormentos eternos, como padecem todos os vossos antepassados, por não terem tido ministros semelhantes a estes... e para que não aconteça com vocês o mesmo, para que por ignorância não sejam levados aonde foram vossos pais e avós, por isso, chagaram estes sacerdotes de Deus que vocês chamam de teopixques, para ensinar o caminho da salvação. Portanto, tenham com eles muito carinho e reverência como guias de vossas almas, mensageiros do Alto Senhor e padres espirituais. Ouçam a doutrina deles, obedeçam no que vos aconselharem e mandarem, façam que todos os demais os respeitem e obedeçam, porque esta é a minha vontade, a do Imperador nosso senhor, a do próprio Deus por quem vivemos e somos, que a estas terras os enviou.³

³ MENDIETA G. De. *Historia Eclesiástica Indiana* México: Porrúa, 1990, pp. 212-213

Por sua vez, a narrativa guadalupana manifesta uma mentalidade totalmente diversa. Não existe nenhuma exaltação aos evangelizadores estrangeiros, já que os protagonistas são a Mãe e o índio, e não os sacerdotes, nem o bispo.

Também não existe alguma censura aos ancestrais nas suas crenças, mas um resgate dos valores e símbolos, da flor e do canto, inclusive dos nomes como *nelli teotl* (verdadeiro Deus), com características da mesma tradição cristã: um Deus que dá a vida, que está próximo, como afirma-se no *Nican Mopohua*. Além disso, a própria figura de Nossa Mãe de Guadalupe manifesta a integração dos valores culturais nahuatl com as imagens de Deus.

De fato, ela está completamente vestida com símbolos divinos: o sol nas costas, o manto azul com as estrelas que representa a noite, o vestido rosa que representa o dia, além da lua preta aos pés. Se trata de uma preciosa manifestação do *Ome teotl*, o deus dois ou dualidade: dia e noite, luz e escuridão, pai e mãe. Sem esquecer o importante sinal do *nahui ollín*, o quarto movimento, símbolo do Deus verdadeiro, que está no seio materno dela.

Trata-se de uma inculturação radical, simples e profunda, poder-se-ia falar de uma “in-religionização”, que se apresenta como se fosse figura da religião asteca, aceitando os aspectos positivos, sem os negativos. Para evitar toda identificação com as divindades locais da morte, nunca se designa *Tonantzin* o Deus nossa mãe, venerada com sacrifícios humanos no próprio Tepeyac, mas apenas a sua mãe, vossa mãe ou a mãe de Deus e de Jesus.

UMA EVANGELIZAÇÃO COM TINTE DRAMÁTICO

Evidentemente, nos *Colóquios*, Sahagún não recolhe uma verdadeira conversa entre os franciscanos e os senhores indígenas. No entanto, pinta clarões no coração dos tlamatime e os sábios nahuatl, da pouca sensibilidade dos missionários, incapazes de consentir uma mínima inculturação da mensagem cristã com os valores locais. Existem algumas vantagens nesta forma de apresentação:

Primeiro, coloca o catecismo na perspectiva histórica; logo, lhe dá uma dimensão teológica ao comparar a religião cristã com a autóctone; finalmente, a forma dialogante o faz mais acessível, mais vivo; respira o humano no abstrato rigor do dogma; esse gênero dialogante presta-se à recitação dramática.⁴

Também o *Nican Mopohua* tem uma síntese essencial no diálogo com os doze e a mensagem cristã numa contextualização histórica, social e cultural mais concreta e humana, assim como a dimensão teológica, que não se apresenta como uma comparação, um enfrentamento ou um juízo da religião cristã sobre a asteca. Ao contrário, é um verdadeiro diálogo onde os interlocutores aceitam os valores comuns e diferentes, sem defender os aspectos negativos.

O gênero dramático está muito mais claro no texto guadalupano, que pode ser representado, como alguns o fizeram, na forma da evangelização juvenil, como alguns documentos históricos propuseram.⁵

Se poderia considerar o *Nican Mopohua* à altura das obras de teatro exemplar evangelizador daqueles anos, como *O juízo final* de Andrés Olmos, *A conquista de Jerusalém* e *O sacrifício de Isaque*, são obras com participação de inumeráveis atores, com cantos, danças e músicas indígenas.⁶

Uma atitude totalmente oposta ao que é o encontro guadalupano, de aceitação, diálogo e uma certa flexibilidade dos representantes indígenas, ao que se respira nos *Colóquios*: fechamento, intolerância, negação de parte dos frades missionários.

O ponto de vista do qual estão escritos os *Colóquios* é a memória de um diálogo realizado no passado, seja de alguns interlocutores determinados ou seja de um estilo comum do tempo, entre duas culturas e duas religiões, com o grande obstáculo, em que cada grupo ignorava a língua do outro e precisavam de um intérprete, que não sabemos até que ponto era competente.

⁴ DUVERGER, p. 52

⁵ Em particular: Servando Teresa De Mier

⁶ Cf. DUVERGER, pp.165-166

O ponto de partida dos escritos era o resultado alcançado, até esse momento, em que os argumentos dos frades já tinham convencido aos sábios nahuatl. O texto deixa entrever muitas dúvidas e diferenças.

MISSÃO HIERARQUICA E MISSÃO MATERIAL

Toda a apresentação e argumentação está no desenvolvimento do discurso dos frades, em que se destaca um verdadeiro monólogo, pois eles orientam as perguntas dos interlocutores locais, com o pressuposto que estes estão no erro, têm reconhecido e a outra parte tem a verdade em tudo. Os missionários começam por reconhecer a própria finitude e a imortalidade humana como todos, porém eles são enviados a esta terra e têm a mensagem do grande senhor, com jurisdição divina sobre todos os que vivem no mundo, o qual se chama de Santo Padre, que vive preocupado com a salvação das almas.⁷

Aqui está a mensagem. Saibam e entendam meus filhos que habitam nas Índias Ocidentais. Em dias passados chegou a mim a fama de vocês. Não deram a notícia de nosso muito amado filho, o imperador Carlos, Rei das Espanhas, com estas palavras: Saiba Vossa Santidade, pai nosso muito amado, que meus espanhóis tem descoberto uma terra muito grande, muito longe de nós para o Ocidente, cheia de habitantes, povos, reinos, os quais já são meus súbditos, peço a Vossa Santidade que mande predicadores que lhes ensinem a Palavra de Deus e os instruem na religião cristã.⁸

Esta apresentação mostra uma visão da missão evangelizadora, com a preocupação de uma hierarquia muito distante e burocrática, que se trata como pai e filho, mas não tira a distância, nem a relação entre autoridades estrangeiras e súditos, claramente presentes neste diálogo.

⁷ Cf. SAHAGÚN, Fray Bernardino de. Colloquios y Doctrina Cristiana de los Doce Frailes de San Francisco. In: DUVERGER, p.63

⁸ Ibid. pp. 63-64

Do lado oposto está a narrativa guadalupana, que não parte de nenhuma autoridade humana, mas de uma voz que vem do céu e da palavra de uma mãe afável que se aproxima do filho. O diálogo se dá entre duas pessoas com a mesma fé, língua, sensibilidade e muito carinho. Não é enviada por um poder celeste ou terrestre, nem com a ordem de converter alguém, mas tudo surge, lá na colina, a partir dos cantos dos pássaros e da luz desde o oriente, dentro do coração do índio, que não sabe se está sonhando ou está na terra celeste dos antepassados.⁹

Os doze predicadores, de acordo com os Colóquios, insistem que “o Santo Padre está encarregado pelo verdadeiro Deus, que informa a todos quantos existam no mundo sobre quem ele é e para que o conheçam, o sirvam e se salvem”.¹⁰ Logo se apresentam como juízes frente aos interlocutores que “não conhecem ao verdadeiro Deus por quem se vive... nem o temem”, mas que o ofendem em muitas coisas, por isso tem incorrido na desgraça e Deus está muito desgostoso com eles.¹¹

Por sua vez, algo maravilhoso, na experiência guadalupana, é a falta de todo julgamento, censura, desvalorização, ameaça e um trato mútuo entre nossa Mãe de Guadalupe e Juan Diego, no mesmo nível dos dois está a linguagem, o amor, o respeito, a confiança, o carinho e a alegria.¹²

PERGUNTAS DESLEAIS E PERGUNTAS AFÁVEIS

Nos colóquios, particularmente, são significativas as perguntas que os Doze propõem na boca dos interlocutores nativos, sem dar-lhes a oportunidade de se expressar com as próprias palavras. Questões que manifestam que estão no erro, enquanto os outros possuem a verdadeira resposta e a segurança que tem sido aceita.

⁹ *Nican Mopohua*, nn. 9-10

¹⁰ *Colloquios*, p. 65

¹¹ *Ibid.*

¹² Cf. *Nican Mopohua*, nn. 23-24

Porventura vocês dizem: esta sagrada Escritura que nos devem predicar, quem a tem dado ao Grande Sacerdote que aqui os enviou? O verdadeiro Deus e Senhor de todas as coisas, faz muito tempo apareceu e falou aos amigos, servos patriarcas, apóstolos e evangelistas dele. A estes revelou a doutrina sagrada e os mandou que a escrevessem para que aqui neste mundo fosse guardada.¹³

Estas palavras divinas lhes viemos predicar e ensinar a vocês e aos habitantes destas terras, “sabem que no mundo inteiro não existe doutrina, nem ensinamento algum, mediante os quais os homens possam ser salvos”.¹⁴

Parece demasiado amplo o campo da doutrina da Sagrada Escritura, enquanto a origem e a finalidade, para ser conhecida em pouco tempo pelos destinatários e com traduções adequadas que resultam impossíveis.¹⁵

Além do mais, a crença de que seja a única doutrina mediante a qual as pessoas possam ser salvas não poderia ser compreensível nem aceitável pelos interlocutores indígenas, como aparece no texto:

Porventura vocês dizem: a vinda tem sido em vão porque nós bem conhecemos e temos por Deus, aquele por quem todos vivemos, o honramos, o veneramos, o adoramos, o festejamos.¹⁶

A resposta é que adoraram muitos deuses: estaturas de pedra e de madeira, que as têm por deuses, como se cada um fosseador do ser, da vida e conservador dela, quando são enganadores, levianos, que solicitam o próprio sangue, os corações em oferenda e sacrifício: são inimigos assassinos e não deuses.¹⁷

¹³ Colloquios, p. 66

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Sobre as enormes dificuldades da tradução da Escritura ao nahuatl, tenho uma experiência pessoal, por ter colaborado na tradução do Novo Testamento a este idioma (MONGARDI).

¹⁶ Colloquios, pp. 66-67

¹⁷ Cf. Ibid. p. 67

Poderíamos fazer longas reflexões sobre a identidade dos deuses nas religiões mesoamericanas e outras tradições religiosas, distinguindo a imagem do monoteísmo excludente – a crença de que pode e deve existir um único Deus – e de uma “monolatria” como prática de uma fé num só Deus e a crença de que cada povo tem o próprio Deus – que ao aparecer é a postura de grande parte do Antigo Testamento.

É fácil concluir que trata-se do politeísmo, quando não são conhecidos os termos locais, por exemplo, os astecas apenas admitiam como Deus a Ometeotl (deus dual), enquanto que todos os outros eram chamados Tecuhtli (senhor), inclusive o próprio sol. Pelo que abrange à idolatria, estamos acostumados a ver em toda reverência uma estátua como um falso culto, algo que não é divino, mas não esqueçamos que os católicos veneramos imagens sem cair na idolatria, para não ficarmos no significante, mas fazendo referência ao significado.¹⁸

Em referência à acusação de que as divindades alheias são puro engano e são homicidas, há uma estranha semelhança com as dúvidas que os pagãos gregos experimentavam com os primeiros apóstolos cristãos.¹⁹

Após a destruição física e cultural das imagens espantáveis dos deuses locais e depois da negação verbal, os Doze proclamavam:

*O verdadeiro Deus universal, Senhor, criador, doador do ser e vida, que viemos a predicar, não é dá condição dos deuses de vocês. Não é enganador, nem mentiroso, não detesta, nem despreza a ninguém... é o abismo de todos os bens, totalmente amoroso, piedoso, misericordioso; no que mais claramente mostra sua infinita misericórdia, se fez homem, semelhante a nós, humilde e pobre como nós, morreu por nós e derramou o próprio sangue pela nossa redenção.*²⁰

¹⁸ Em minha experiência entre os índios da Huasteca, lembro que propriamente não adoravam a estátua, mas que na festa do Totata Jesus (a estátua de Jesus na Paixão) de *Tonantzín* Guadalupe (a imagem de nossa Mãe) não se tratava de uma estátua material mas de uma pessoa viva (MONGARDI).

¹⁹ Cf. 1Ts 2, 3-6

²⁰ Colloquios, p. 67

Não faz falta acrescentar nada a esta confissão do credo cristão, contudo está claro que a proclamação oral, junto com uma conduta oposta, agressiva e violenta dos conquistadores, não poderia ter muito êxito nas conversões. Muito diversa à prática e atitude de Nossa Senhora de Guadalupe, muito coerente com uma maravilhosa mensagem.

Estamos há muitos anos luz de distância das perguntas eloquentes da guadalupana, cheias de infinita ternura:

*Acaso não estou aqui, eu que sou tua mãe?
Acaso não estás embaixo de minha sombra e proteção?
Acaso não sou a fonte da alegria?
Não estás em meu refúgio, onde eu te protejo?
Acaso tens necessidade alguma?*²¹

ESCUTAR COM EMPATIA

Esperamos que não seja vista como inútil a apresentação completa do único discurso feito pelos tlamatirime astecas, que abarca o capítulo VII do livro de Sahagún do Colóquio. Transcrevemos o texto por ser o único que tem um ar familiar com o estilo do *Nican Mopohua*, sobretudo, para o exercício da escuta, que é o segredo de toda evangelização cristã com espírito guadalupano, tão necessário hoje, muito mais que ontem.

*De onde, como vos dirigistes para cá
do lugar de nossos senhores, da casa dos deuses?
Porque no meio de nuvens, no meio da névoa,
do interior da água imensa saístes.
De vós faz olhos seus, de vós faz ouvidos seus,
de vós faz lábios seus o Dono do perto e do junto.*

*Aqui nós, de algum modo, vemos em forma humana,
aqui como a um humano falamos,
ao Dador da vida, ao que é noite, vento,
porque vós sois sua imagem, seu representante.*

²¹ *Nican Mopohua*, n.119

*Por isto recolhemos, tomamos,
seu alento, sua palavra, do Senhor Nosso,
do Dono do perto e do junto,
o que viestes trazer,
do que no mundo, na terra, é senhor,
o qual vos enviou por causa de nós.*

*Por isso aqui nós estamos admirados,
na verdade viestes trazer
seu livro, sua pintura,
a palavra celestial, a palavra divina.*

*E agora, o que, de que modo,
o que será que diremos,
elevaremos a vossos ouvidos?
Somos acaso algo?
Porque só somos macehualuchos (zé-povinho)
somos terrosos, lodosos,
raspados, miseráveis,
enfertos, aflitos.*

*Porque o Senhor, o Senhor Nosso só nos emprestou
a ponta de sua esteira, a ponta de seu setial,
(onde) nos colocou.
Com um lábio, dois lábios respondemos,
devolvemos o alento, a palavra,
do Dono do perto e do junto.*

*Talvez só (vamos) a nossa perdição, a nossa destruição.
Ou acaso agimos com preguiça?
Aonde na verdade iremos?
Porque somos macehuales,
somos perecedouros, somos mortais.
Que não morramos,
que não pereçamos,
embora nossos deuses estejam mortos.²²*

²² Não se segue, neste ponto, a tradução que Miguel León-Portilla pôs como célebre conclusão da *La Filosofía Nahuatl*, UNAM, México 1979, p. 323: “não vacilaram em afirmar os tlamatimime, dainte da imagem da cultura deles destruída: ‘nos deixem morrer, nos deixem parecer, posto que nossos deuses morreram” (p. 130).

Abrimos um parêntese para seguir a tradução de Christian Duverger, porque convence mais essa explicação: “Nesse capítulo 7, os mexicanos insistem no dinamismo e no vigor das crenças. A interpretação ‘derrotista’ que muitas vezes se tem dado a este texto não parece bem fundamentada. Em todo caso, é contraditória com a afirmação dos dignitários locais, ao fim da intervenção. Se mostram os efeitos que desejam conservar os deuses e a prática religiosa tradicional”.²³

*Vós dissestes
que nós não conhecíamos
o Dono do perto e do junto,
aquele de quem são o céu, a terra.
Tendes dito
que não são verdadeiros deuses os nossos.
Nova palavra é esta
que falais
e por ela estamos perturbados,
por ela estamos espantados.*

*Porque nossos progenitores,
os que vieram ser, viver na terra,
não falaram assim.
Na verdade eles nos deram
sua norma de vida,
consideravam como verdadeiros,
serviam,
reverenciavam aos deuses.
Eles nos ensinaram
todas as suas formas de culto,
seus modos de reverenciar (aos deuses).*

*Assim, diante deles aproximamos terra à boca [juramos],
nos sangramos,
pagamos nossas dívidas,
queimamos copal,
oferecemos sacrifícios.
Diziam (nossos progenitores):*

²³ DUVERGER, p. 73

*que eles, os deuses, são por quem se vive,
que eles nos mereceram.
Como, onde? Quando ainda era noite (no princípio).²⁴*

*E diziam (nossos ancestrais):
que eles (os deuses) nos dão
nosso sustento, nosso alimento,
tudo quanto se bebe, se come,
o que é nossa carne, o milho, o feijão,
os bredos, a chia.
É a eles que pedimos
a água, a chuva,
pelas quais são produzidas as coisas na terra.*

*Eles mesmos são ricos,
são felizes,
possuem as coisas, são donos delas,
de tal sorte que sempre, para sempre,
há germinação, há verdejar
em sua casa.*

*Onde, como? Em Tlalocan,
ali nunca há fome,
não há enfermidade
nem pobreza.
Também eles dão às pessoas
a coragem, o mando,
fazer cativos na guerra, o adorno para os lábios,
aquilo que se ata, os bragueiros, as capas,
as flores, o tabaco,
os jades, as plumas finas,
os metais preciosos.*

*Quando, onde, foram invocados,
foram suplicados, foram considerados deuses,
foram reverenciados?
Isto já faz muito tempo,*

²⁴ Esta fórmula pode nos remeter ao Omēteotl (Deus dual), que é o pai e a mãe, o dia e a noite, a revelação e o mistério. Miguel León-Portilla recorda uma frase de W. Lehmann: Estas palavras significam “nos tempos anteriores a toda idade, quando não existia ainda nada determinado” (p. 134).

foi lá em Tula,
 foi lá em Huapalcalco,
 foi lá em Xuchatlapan,
 foi lá em Tlamobuanchan.
 Também foi lá em Yohualichan.
 Foi lá em Teotihuacan.

Porque eles, por todas as partes, no mundo,
 lhes deram o fundamento
 de sua esteira, de seu setial.
 Eles deram
 o domínio, o mando,
 a glória, a fama.

E agora, nós
 destruiremos
 a antiga regra de vida?
 A regra de vida dos chichimecas?
 A regra de vida dos toltecas?
 A regra de vida dos colhuacas?
 A regra de vida dos tecpanecas?

Porque assim em nosso coração (sabemos)
 a quem se deve a vida,
 a quem se deve o nascer,
 a quem se deve o crescer,
 a quem se deve o se desenvolver.
 Por isto (os deuses) são invocados,
 são suplicados.

Senhores nossos,
 não façais nada
 a vossa cauda, vossa asa,
 que lhe acarrete desgraça,
 que a faça perecer.

Tranquila, pacificamente,
 considerai, senhores nossos,
 o que é necessário.

Não podemos estar tranquilos,
 e certamente não seguiremos,
 não consideramos isso verdade,
 mesmo que vos ofendamos.

*Aqui estão
os que estão encarregados da cidade,
os senhores, os que governam,
os que levam, têm às costas,
o mundo.
Já é bastante termos deixado,
termos perdido, nos ter sido tirado,
ter-nos sido impedido,
a esteira, o setial (o mando).
Se no mesmo lugar permanecemos,
provocaremos que (aos senhores) ponham na prisão.
Fazei conosco
o que quiserdes.
Isto é tudo o que respondemos,
o que contestamos
a vosso reverenciado alento,
a vossa reverenciada palavra,
ó senhores nossos.²⁵*

DISCERNINDO NOSSO MODO DE EVANGELIZAR

Procuramos caminhos de entendimento e de reconciliação, escutando a uns protagonistas que não estavam de acordo com a destruição de um sistema religioso e político, muito menos com a destruição de povos inteiros, como os indígenas latino-americanos. Fala-se muito do encontro entre dois mundos, quando na realidade foi apenas um enfrentamento a ferro e fogo, uma colonização que apagou os conquistados com o sistema político, econômico, social e cultural. Infelizmente, a evangelização foi instrumento de colonização e também de aculturação. Parte de um processo em que a cultura invasora, forte e violenta acaba com a outra. O mesmo passou com a religião católica, na América do Sul e com a religião protestante na América do Norte.

²⁵ Por estas páginas, cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel, *La Filosofía Náhuatl*, UNAM, México 1979, pp. 130-133, com umas mudanças tomadas de DUVERGER, pp. 72-74. Para o português, cf. SUESS, Paulo (coord.) *A Conquista Espiritual da América Espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 449-453.

Como testemunho contra as avalanches militares e culturais, lembramos dois exemplos: o *Colóquio dos Doze*, escutando aos vencidos, com a própria visão cultural e religiosa. Algumas expressões têm uma surpreendente semelhança com o discurso que Paulo fez aos pagãos de Listra: “Ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo quanto contém. Nas passadas idades ele deixou cada povo seguir o próprio caminho, mesmo que sempre se tenha deixado conhecer pelos benefícios, mandando desde o céu, estações férteis, chuvas e colheitas, dando comida e alegria em abundância” (At 14,15-18). Por que se tem destruído -- se destruiu estes caminhos de Deus vivo e verdadeiro para anunciar aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6).

A narrativa guadalupana é o modelo de inculturação, de diálogo intercultural e inter-religioso, ausente na história da evangelização cristã. As indicações de se integrar na vida de um ambiente, sem separações, nem diferenças, mas na defesa dos valores da vida, do amor e da paz, como em um atiquíssimo documento.²⁶ O espírito de aceitação, de confiança, de respeito do outro, da cultura e da tradição religiosa alheia, assim como foi realizado no encontro entre a revelação de nossa Mãe de Guadalupe, a vivência humana e histórica de Juan Diego, se encontra plasmada nas palavras da recém estabelecida *Propaganda Fide* em 1659, para que os missionários representem os costumes e usos de cada lugar:

*Não fazer nenhum esforço, não usar nenhum meio de persuasão para induzir aqueles povos a modificarem seus ritos, seus costumes habituais, a menos que não sejam abertamente contrários à religião e aos bons costumes. Que poderia ser mais absurdo que transladar a França, a Espanha, a Itália ou algum outro país europeu à China? Não é isso o que vocês devem introduzir, é a fé que não rejeita nem ofende os ritos e os costumes de cada povo, sempre que estes não sejam maldosos, apenas queira os salvar e consolidar.*²⁷

²⁶ Cf. Discurso a Diogneto, em RUIZ BUENO, Daniel (ed.). *Padres Apostólicos*. Madrid: BAC, 1985, pp. 844-860

²⁷ Cf. BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Teología para la misión hoy*. Estella: EVD, 2009, p. 109.

A advertência, infelizmente, quase nunca foi levada em consideração. Algo mais absurdo tem sido o transladar as Igrejas da Europa e transplantá-las no mundo inteiro. Entretanto, em nossos dias, estamos em uma situação parecida aos dos indígenas nahuatl; em outras palavras, numa cultura e estrutura eclesial ameaçada, quase devorada pela cultura tecnológico-informática e um sistema sem valores humanos, ético-religiosos. É o mesmo tsunami que arrastra todas as culturas tradicionais e humanísticas, em particular as culturas subalternas ou marginalizadas, que não têm pessoas nem deuses que as defendam.

Os ensinamentos e as novas experiências que encontramos na memória guadalupana são de relação familiar e hierárquica, sem a divisão de classes. No encontro de nossa Mãe de Guadalupe com Juan Diego respira-se uma afetividade acentuada, com as diversas formas de amor na família: o amor materno e paterno, o amor filial, o amor fraternal. Embora não se recorde a família do próprio Juan Diego como a esposa Lúcia e os três filhos ou filhas dele, aparecem as diversas expressões nas relações de Maria como mãe de Juan Diego, nos devotos que acudiram ao templo dela, de Deus e de Jesus Cristo. O respeito, o carinho, a ternura, o amor são tão grandes e mútuos aos protagonistas, no mesmo nível de afetividade e de alegria.

Não é necessário lembrar que os modelos de divisão de classes, proclamados como naturais e universais pelo antigo filósofo grego Aristóteles não desapareceram, apenas se transformaram e seguem com a mesma discriminação, injustiça, desumanização: a superioridade dos homens livres a respeito dos escravos, a superioridade dos varões em relação às mulheres e a superioridade dos gregos sobre os bárbaros.

Infelizmente, as classes, as castas, com as diversas discriminações, não têm faltado nas tradições religiosas, inclusive no próprio cristianismo. Um exemplo bem claro aparece na narrativa guadalupana, onde o bispo está no palácio, com os servos, com os privilegiados, com os direitos e o pobre índio apenas o deixaram entrar para ser escutado e comunicar as ordens da Senhora do

Céu. Contudo, consegue-se inverter a pirâmide hierárquica de o bispo estar acima, de o varão estar no meio e de a mulher estar abaixo. De fato, o bispo acaba se ajoelhando diante da imagem do amor da mãe-menina que se estampa no manto e no coração do filho mensageiro Juan Diego.

Fundamentalmente estas eternas novidades seguem ausentes e proibidas para os poderes atuais, pelos sistemas e as infinitas ferramentas, incapazes de criar uma afetividade familiar, uma inter-relação mútua, livre de compaixão e dignidade, são o legado de nossa Mãe de Guadalupe, como caminho de toda missão e como esperança para o futuro da humanidade.

CONCLUSÃO

Queremos, a este ponto, compartilhar um sonho que é obsessão: na nossa época não é mais possível uma missão ou evangelização dos povos a partir de uma estrutura hierárquica e de um movimento centralizador. Somente à luz da verdade, do amor materno e misericordioso de Deus, pode brotar da comunidade local, com a própria identidade cristã, o impulso missionário em compartilhar a nova vida das relações afetivas próprias de uma família.²⁸ Estamos convencidos de que as primeiras igrejas cristãs locais encontraram a própria identidade a partir do anúncio semelhante ao de nossa Mãe de Guadalupe, que o quer compartilhar com todos, sem discriminação, nem divisão de classes ou castas, nem poderes hierárquicos. Desta maneira também nasceram os livros do Novo Testamento, que irradiam as diferentes experiências da memória de Cristo e da fraternidade que se pode realizar a partir da fé na Palavra dele.

Os Missionários Xaverianos também somos filhos do nosso tempo. Tivemos uma forma de fazer missão que foi comum, sem importar o país ou destinatário. Isso aconteceu de maneira espe-

²⁸ Carlos Mongardi tem um amplo trabalho sobre a missão inculturada com o título: Nuestra Madre de Guadalupe, aurora de la humanidad. Estudio histórico-cultural y bíblico-misionario.

cial, antes do Concílio Vaticano II. Após a renovação entraram elementos novos que deram uma peculiaridade à missão, como a importância da cultura e língua local.

No México também viveu-se essa mudança no processo das atividades xaverianas. Se no começo se esteve mais próximo do sistema antigo – onde havia a disciplina, a implantação do modelo próprio da Europa para com este continente, onde existia pouca sensibilidade pelas coisas locais e pelos costumes, observados com receio e desconfiança –, aos poucos foi-se fazendo o esforço para entrar no mundo religioso do povo mexicano.

A fé em Maria de Guadalupe tem sido decisiva para cair, como o bispo Zumarraga, na atitude de adaptação das propostas manifestas no *Nican Mopohua*, A vivência no México do lema de São Guido: “fazer do mundo uma só família”, aos poucos tomou força na vida das comunidades xaverianas para a comunhão e a aproximação com o povo de Deus. Esse sentido de família entre os xaverianos fez com que os modelos distintos de fazer missão sejam orientados em busca de um ponto em comum: a considerar dentro de família xaveriana, o respeito pelo povo e seus costumes. O que antes olhava-se como duvidoso, agora se vai assimilando com certa naturalidade. O mesmo contato com o povo tem feito possível uma pastoral mais encarnada na pessoa e na realidade. As paróquias nas áreas indígenas da Huasteca têm dado aos xaverianos e aos leigos, que têm feito estágios missionários com este povo, oxigênio puro de como ser missionários.

Ainda falta muito por percorrer. A aproximação para com os leigos também não está bem clara. Levamos no sangue o sentido de superioridade, de mestres, de centralizar, de possuir a verdade e ensinar sem sermos questionados. A guadalupana tem muito que nos dizem diante destas atitudes. Se vivemos no meio de uma sociedade governada pela iniquidade e injustiça, no sistema absolutista, é porque ainda não entendemos a mensagem da Mãe do Céu, que quer uma casa onde possamos viver, não obstante as diferenças, como povo que segue a Jesus Cristo na realização do Reino, que ainda não foi realizado plenamente.